

Um estudo de percepção acerca do léxico de línguas africanas no português brasileiro

A perception study on the African lexicon in Brazilian Portuguese

Paulo César Nascimento¹
Universidade Estadual de Goiás

Marília Silva Vieira²
Universidade Estadual de Goiás

♦ **RESUMO:** A língua é parte fundamental da sociedade e, nela, é possível demarcar culturas e, também, racismo. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é identificar crenças e atitudes linguísticas acerca de itens lexicais de línguas africanas no Português Brasileiro, a fim de observar se eles seriam alvo de avaliação menos positiva, quando comparado a palavras de origem vernacular. A fundamentação teórica está calcada em Eckert (2012), Cardoso (2014), Labov (2001) e Petter (2008) e em pesquisas sobre racismo linguístico, como as de Leite (1947), Almeida (2019) e Nascimento (2019). Foi adotada a metodologia da Terceira Onda da Sociolinguística para a coleta de dados, que consistiu na aplicação de dois testes de percepção, formulados a partir de estímulos linguísticos e aplicados a um grupo de 12 participantes. Constatou-se que tais juízes, que responderam ao questionário, falantes de Português Brasileiro, avaliam de forma negativa os itens lexicais advindos de línguas africanas empregados no teste, contribuindo para o racismo linguístico.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** Racismo linguístico, Sociolinguística; Línguas africanas.

♦ **ABSTRACT:** Language is a fundamental part of society and, in it, it is possible to demarcate cultures and, also, racism. In this sense, the objective of this article is to identify linguistic beliefs and attitudes about lexical items of African languages in Brazilian Portuguese, in order to observe whether they would be the target of less positive evaluation, when compared to words of vernacular origin. The theoretical basis is based on Eckert (2012), Cardoso (2014), Labov (2001) and Petter (2008) and research on linguistic racism, such as that of Leite (1947), Almeida (2019) and Nascimento (2019). The Third Wave of Sociolinguistics methodology was adopted for data collection, which consisted of the application of two perception tests, formulated from linguistic stimuli and applied to a group of 12 judges. It was found that such judges, who answered the questionnaire, speakers of Brazilian Portuguese, negatively evaluate the lexical items from African languages used in the test, contributing to linguistic racism.

♦ **KEYWORDS:** Linguistic racism; Sociolinguistics; African languages.

¹ Mestrando em Língua, Literatura e interculturalidade na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina (proff.paulocesar@gmail.com).

² Doutora em Letras. Docente no Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, Câmpus Cora Coralina (vieirasmarilia@gmail.com).

Introdução

A construção do Português Brasileiro se deu sob influência das línguas indígenas e africanas (MATOS e SILVA, 2004). Afinal, a variedade americana “não se trata do português tal como é falado em Portugal, mas de um português modificado pela natureza brasileira” (FIORIN; PETTER, 2008, p.08). Logo, o Português Brasileiro pode ser compreendido como fusão de culturas.

Haja vista que o racismo perpetua até nos tempos atuais, resultando em preconceito das mais diversas formas, a problemática apresentada nesta pesquisa é a existência de um racismo inconsciente³, resultante de um racismo cultural e linguístico, em que se desprestigiam as manifestações africanas. Pensando nisso, este trabalho dedica-se a identificar crenças e atitudes linguísticas acerca de itens lexicais de línguas africanas no Português Brasileiro, a fim de observar se eles seriam alvo de avaliação menos positiva, quando comparado a palavras de origem vernacular.

Parte-se do princípio de que palavras como *moleque*, *bambambã*, *banguela*, *biboca* e *cafundó* (PETTER, 2008, p.69) parecem apresentar menos prestígio do que aquelas com significação semelhante, mas cuja origem é latina (denominadas, aqui, de *vernaculares*). Tal fato ocasionaria, então, o que Nascimento (2019) denomina de “racismo linguístico”.

Foi empregado um questionário, adaptado de Cardoso (2014), com base em uma escala Likert, em que os juízes avaliam itens lexicais de origem africana, a partir de alguns atributos sociais. Seguindo esse método, apresentou-se uma afirmação autodescritiva e, em seguida, é apresentada, como opção de resposta, uma escala de pontos em cujas extremidades constam “concordo totalmente” e “discordo totalmente”. Dessa forma, é possível averiguar os níveis da opinião dos juízes sobre o tema em questão. Em seguida, os juízes deveriam escutar/ler dois pares de frases, externalizando crenças acerca de qual elemento de cada par soariam como mais padrão.

Como instrumental teóricos, foram utilizados estudos da Sociolinguística, como os de Eckert (2012), Cardoso (2014) e Labov (2001) e em pesquisas sobre racismo linguístico, como as de Leite (1947), Almeida (2019), Nascimento (2019) e Petter (2008), a fim de complementar as informações sobre o possível desprestígio dos itens lexicais de origem africana, como se vê na seção seguinte.

1 Fundamentação teórica

Todos os povos possuem culturas e todas as culturas apresentam elementos que as diferenciam das tantas outras existentes. Logo, a bagagem cultural que constitui o inconsciente iconográfico dos africanos escravizados no Brasil ocupa espaço na língua, na música, na dança, na religião, no modo de ser e ver o mundo (MENDONÇA, 2012), de forma expressiva.

Mendonça (2012) reflete sobre o fato de a linguagem popular brasileira apresentar resíduos do contato de línguas africanas, em especial, as do grupo banto, que teve forte influência no país, em virtude da escravidão, com o português europeu antigo.

³ Considerando-se que o(a) falante de uma determinada língua, ao iniciar seu aprendizado linguístico, fato que ocorre ainda em sua infância, não tem a oportunidade de escolher o que aprender, logo, reproduz tudo aquilo que lhe é apresentado, muitas vezes, sem compreender seus significados. Por isso, o racismo acaba se tornando inconsciente.

O estudioso acrescenta que aproximadamente “7.000.000 de pretos” (MENDONÇA, 2012, p.56) foram introduzidos aqui por intermédio da escravização e que apenas 3 mil entraram de forma de forma legalizada. A esse respeito, Bonvini afirma (2008), inclusive, que o sistema verbal encontrado nas variedades rurais do Português do Brasil também revela características das línguas africanas.

Mendonça (2012) reflete sobre o fato de a linguagem popular brasileira apresentar resíduos do contato de línguas africanas, em especial, as do grupo banto, que teve forte influência no país, em virtude da escravidão, com o português europeu antigo. De acordo com Bagno (2016), a maioria dos negros escravizados que vieram para o Brasil falavam línguas do grupo banto, principalmente o quimbundo, o umbundo e o quicongo, aparentadas entre si e utilizadas em Angola e em outros países vizinhos na atualidade. Além das línguas bantas, os negros escravizados também trouxeram línguas do grupo oeste-africano, entre as quais se destaca o iorubá.

Mendonça (2012) acrescenta que aproximadamente “7.000.000 de pretos” (MENDONÇA, 2012, p.56) foram introduzidos aqui por intermédio da escravização sendo apenas 3.000.000 deles, de forma legalizada.

A contribuição lexical das línguas bantas ao Português Brasileiro é expressiva. A esse respeito, Bonvini afirma (2008), inclusive, que o sistema verbal encontrado nas variedades rurais do Português do Brasil também revela características das línguas africanas. Os itens lexicais de origem africana passaram, muitas vezes, por mudança semântica, e, em muitos casos, tornaram-se pejorativos, como *macumba* (originalmente, nome dado aos cultos de origem africana) e *muamba* (*a priori*, cesto ou canastra para transporte de mercadorias).

A escassez de referenciais a respeito da língua africana naquela época permite a hipótese de que essa mudança ocorreu por intermédio da catequização dos negros, haja vista que o único documento a respeito da língua africana daquela época foi de um sacerdote jesuíta.

A obra intitulada “Arte da lingua de Angola, oferecida a Virgem Senhora N. do Rosário, Mãe, e Senhora dos mesmos Pretos” foi escrita pelo P. Pedro Dias em 1697, como afirma o historiador P. Serafim Leite, “foi escrita para uso dos Padres da Companhia no Brasil, que se ocupam na conversão dos pretos trazidos da Angola” (LEITE, 1947, p.10).

Logo, percebe-se que os escritos tinham uma tendência em desconstruir as crenças e culturas daquele povo, indicando um nítido estigma associado à cultura africana. Desde muito cedo, a língua africana era vista como não padrão e até cômica, como afirma (MENDONÇA, 2012, p.78) pois era “corrente no teatro cujos personagens cômicos falavam língua de negro”. É a partir daí que se começa a construir um “racismo linguístico” (NASCIMENTO, 2019)

Deve-se compreender que diversos estudos de língua têm como base a ideia de que o discurso fundamenta o mundo, ou seja, de que a língua tem o poder de moldar e fundar uma cultura. Assim, a realidade atual é de um “mundo que lhe é anterior” (NASCIMENTO, 2019, p.86). No Brasil, o país que mais recebeu mão-de-obra escrava no mundo, o negro é visto como massa de manobra, manipulado para os interesses da classe dominante, realidade que se perpetua na contemporaneidade.

A língua reflete essa dominação e também é um instrumento de disseminação do racismo, constituindo o extenso mosaico do racismo estrutural. De acordo com Almeida (2018), o racismo estrutural é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça

como princípio e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes, que resultam em desvantagens ou privilégios. Desse modo, o racismo vai além da “pobreza, da pouca educação formal e a falta de cuidados médicos” (ALMEIDA, 2019, p.123), está também na possibilidade de desprestigiar um item lexical de origem africana, bem como as crenças e atitudes (LIMA; LUCENA, 2013) construídas pelo processo cultural, que culminam em uma série de preconceitos, como o racismo (linguístico).

Sabe-se que “as atitudes são formadas por comportamentos e condutas que podem ser positivas, de aceitação, ou negativas, de rechaço” (LIMA; LUCENA, 2013, p.163). Já as crenças são padrões impostos pela sociedade no decorrer do tempo, transformando-as em verdades absolutas, que originou a concepção de racismo inconsciente. Para Rokeak (1974):

Toda crença que faz parte de uma atitude é constituída de três componentes: (1) um componente cognitivo que representa o conhecimento que, dentro de certos limites de certeza, tem uma pessoa acerca do que é verdadeiro ou falso, bem ou mal, desejável ou indesejável; (2) um componente afetivo pelo qual, supondo-se as condições adequadas, a crença é capaz de despertar aspectos de intensidade variável que se centram (a) no objeto da crença, ou (b) em outros objetos (indivíduos ou grupos) que tomam uma posição positiva ou negativa a respeito do objeto da crença, ou (c) na própria crença quando sua validade é notoriamente colocada em dúvida, como sucede no caso de uma disputa, e (3) um componente de conduta no qual a crença, sendo uma predisposição de resposta de limite variável, deve conduzir a algum tipo de ação quando é ativada convenientemente. (ROKEAK, 1974, p.16).

Dessa forma, acredita-se que os juizes do teste, ao avaliarem os pares de frases, em que se tem uma sentença com um item lexical de origem africana e um equivalente, formulada com palavras vernaculares, poderão se guiar por preceitos normativos da língua ou pela ideologia dominante, propagada em seus meios sociais, o que acaba reproduzindo, de forma inconsciente, o “racismo linguístico” (NASCIMENTO, 2019).

Tal racismo pode ser detectado, de forma mais consistente, com a teia teórica da Sociolinguística, que se dedica não só a descrever fenômenos variação, mas também permite averiguar crenças e atitudes linguísticas, em sua proposta mais recente, denominada de Terceira Onda (ECKERT, 2012). Por meio de tais preceitos, será possível analisar a reação que alguns itens lexicais de origem africana desencadeiam em falantes do Português Brasileiro e qual a sua indexicalidade, ou seja, quais são os valores associados a um plano superior de estruturação social, que indicam aspectos como hierarquia, poder e de desigualdade (BLOMMAERT, 2010, p.37).

2 Metodologia

Assumindo que os itens lexicais de origem africana podem ser alvo de julgamento negativo, desenvolveu-se, nesta pesquisa, um experimento de percepção, com base na metodologia da Terceira Onda da Sociolinguística (ECKERT, 2012). Para selecionar os itens lexicais que compuseram o teste, recorreu-se a Petter (2008), tomando-se com ponto de partida o levantamento que a autora realiza de palavras empregadas nas variedades angolana, moçambicana e brasileira do Português, em um

total de 56 itens. Portanto, para a escolha dos itens lexicais do teste, foram adotadas três prerrogativas; 1 – o item deveria ter, no mínimo, um sinônimo vernacular; 2 – o item deveria ser frequente no Português Brasileiro; 3 – o termo não poderia se representar um tabu linguístico⁴ (ALMEIDA, 2007; ORSI, 2011).

Definidos esses fatores, foram delimitados os termos *caçula*, *capanga*, *cochilar*, *dengosa*, *moleque*, *cachaça*, *quitanda*, *quitute* e *xingar*. Para a elaboração do primeiro questionário, foi utilizado o modelo proposto por Cardoso (2014), em que a palavra em questão é avaliada com base em uma escala com seis possibilidades de escolha, com base em 06 atributos sociais: *bonita*, *simples*, *conhecida*, *importante*, *comum* e *formal*, como na figura:

Figura 1 – Escala do questionário 1

1 – Considero a palavra *caçula*:

Bonita ___: ___: ___: ___: ___: ___ feia

Simples ___: ___: ___: ___: ___: ___ complicada

Conhecida ___: ___: ___: ___: ___: ___ desconhecida

Importante: ___: ___: ___: ___: ___: ___ sem importância

Comum ___: ___: ___: ___: ___: ___ não comum

Formal ___: ___: ___: ___: ___: ___ informal

2 – Considero a palavra *capanga*:

Bonita ___: ___: ___: ___: ___: ___ feia

Simples ___: ___: ___: ___: ___: ___ complicada

Conhecida ___: ___: ___: ___: ___: ___ desconhecida

Importante: ___: ___: ___: ___: ___: ___ sem importância

Comum ___: ___: ___: ___: ___: ___ não comum

Formal ___: ___: ___: ___: ___: ___ informal

O segundo questionário foi produzido com a finalidade de reconhecer a afinidade dos juízes com os itens lexicais escolhidos. Para isso, foram utilizados 09 pares de estímulos, gravados por uma falante goiana, de 22 anos, em um aplicativo de celular, sem intervenção de ruídos externos.

⁴ De acordo com (ORSI, 2011, p.336) *tabu linguístico* são as “unidades léxicas censuradas e condenadas pela sociedade”, ou seja, xingamentos, nomes de órgão sexuais, termos utilizados em religiões e, neste caso, explicitamente em religiões com descendência africana.

Figura 2 – Estímulo do questionário 2

Percepção de algumas frases usadas no Português

Olá! Obrigado por participar desta pesquisa. Prezado(a) participante, você irá ouvir alguns pares de estímulos gravados por uma falante de Português Brasileiro.

Em seguida, gostaríamos de que você emitisse sua opinião sobre qual estímulo de cada par lhe parece mais correto ao Português padrão ao ouvir: Segue um exemplo:

A) Ele guarda a água em uma moringa. B) Ele guarda a água em um cântaro.

Resposta: "B é o mais correto."

Seguindo a explicação acima, responda as seguintes questões:

***Obrigatório**

Fonte: Elaboração própria.

Em cada par de estímulos, o item lexical de origem africana era substituído, na sentença equivalente, por uma palavra ou uma expressão vernacular, como demonstra o quadro abaixo:

Quadro 1 – Pares de estímulos

Par 1	Ele é o <i>caçula</i> daquela família. Ele é o <i>filho mais novo</i> daquela família.
Par 2	O fazendeiro contratou um <i>capanga</i> . O fazendeiro contratou um <i>guarda-costas</i> .
Par 3	Eu <i>cochilei</i> no horário do almoço. Eu <i>dormi um pouco</i> no horário do almoço.
Par 4	Ela é muito <i>dengosa</i> . Ela é muito <i>manhosa</i> .
Par 5	O <i>moleque</i> dormiu cedo. O <i>menino</i> dormiu cedo.
Par 6	Eu gosto muito de <i>cachaça</i> . Eu gosto muito de <i>aguardente</i> .
Par 7	A compra foi feita em uma <i>quitanda</i> . A compra foi feita em uma <i>venda</i> .
Par 8	Você possui <i>quitutes</i> pra vender? Você possui <i>petiscos</i> pra vender?
Par 9	Ele foi <i>xingado</i> pelo seu vizinho. Ele foi <i>insultado</i> pelo seu vizinho.

Todos os juízes que responderam o teste são residentes na cidade goiana de Itapuranga, a cerca de 160 km da capital, Goiânia (05 mulheres e 07 homens). Foi solicitado aos primeiros voluntários que aceitaram colaborar com a pesquisa, que indicassem outros possíveis participantes, explorando a premissa de redes sociais (MILROY, 1987 [1980]).

Com a junção desses dois questionários foi possível averiguar se as palavras de origem africana são avaliadas de forma pejorativa, mesmo quando muito comuns no vocabulário dos falantes e, por conseguinte, constatar se há “racismo linguístico” (NASCIMENTO, 2019), reproduzido de forma “consciente ou inconsciente” (ALMEIDA, 2018).

3 Análise de dados

Após obter as avaliações dos juízes, foi possível perceber que, quanto mais os itens lexicais eram conhecidos pelos falantes, mais eles os caracterizavam como informais ou como uma palavra feia. Alguns dos resultados mais expressivos são expostos em tabelas e, para os demais, optou-se pela exposição de forma textual.

A primeira palavra foi *caçula*, cujos resultados são apresentados na tabela abaixo:

Tabela 1 – Resultados obtidos para *caçula*

Caçula	Totalmente de acordo	De acordo	Mais ou menos de acordo	Mais ou menos contrário	Contrário	Totalmente contrário
Bonita	25%	25%	0%	8,33%	8,33%	33,33%
Simples	66,64%	25%	0%	8,33%	0%	0%
Conhecida	66,64%	16,66%	16,55%	0%	0%	0%
Importante	16,66%	8,33%	24,99%	8,33%	33,32%	8,33%
Comum	66,64%	24,99%	0%	8,33%	0%	0%
Formal	24,99%	0%	16,66%	0%	24,99%	33,32%

Fonte: Elaboração própria.

Ao observar a tabela acima, nota-se que 66,64% dos participantes conhecem a palavra analisada, 33,33% consideram-na “feia”, e 33,32% avaliam-na como sendo informal. Se forem somadas as porcentagens das três primeiras colunas, chega-se à conclusão de que 50% consideram a palavra *caçula* bonita, 100% dos avaliadores conhecem o item lexical e apenas 41,65% acreditam que ele seja formal, marca que apresenta queda considerável para os resultados da sentença equivalente do teste 2. Quando analisados o par de sentenças: “a) Ele é o caçula daquela família” e “b) Ele é o filho mais novo daquela família”, 91,67% afirmaram que a frase “b” seria a “certa”, reiterando uma crença negativa.

O segundo item lexical analisado foi *capanga*. Nenhum participante esteve totalmente de acordo com o fato de que a palavra é bonita e 58,31% dos juízes afirmam serem totalmente contrários a isso, mesmo em se tratando de um item lexical frequente. Além disso, descrevem-no como informal, o que é demonstrado com mais clareza no segundo questionário, no qual avaliaram o par “a) O fazendeiro contratou um capanga” e “b) O fazendeiro contratou um guarda-costas”. Para esse estímulo, 91,67% dos juízes avaliaram que a frase “b” seria a “correta”.

A terceira palavra analisada foi *cochilar*, que foi considerado informal. No segundo teste, utilizou-se o seguinte par de sentenças: “a) Eu cochilei no horário do almoço” e “b) Eu dormi um pouco no horário do almoço”, e apenas um dos

participantes respondeu estar de acordo com o estímulo “a”. Portanto, o item lexical africano não goza de prestígio perante os avaliadores.

Para o léxico *dengosa*, tem-se que, mesmo estando totalmente de acordo e parcialmente de acordo com o fato de que a palavra *dengosa* é bonita, a maioria dos juízes confirma que ela é comum ou mais ou menos comum; uma totalidade de 83,3% é mais ou menos contrário ou totalmente contrário à possibilidade de que ela seja formal. Quanto ao segundo questionário, com o par “a) Ela é muito dengosa” e “b) Ela é muito manhosa”, 83,34% dos juízes consideraram a opção “b” como “correta”, culminando em uma crença negativa sobre o item lexical africano.

A tabela a seguir exhibe os resultados obtidos para *cachaça*, em que 58,31% dos juízes caracterizaram-no como sendo informal. Por outro lado, para o segundo questionário, elaborado com as orações “a) Eu gosto muito de cachaça” e “b) Eu gosto muito de aguardente”, 83,34% dos juízes afirmaram que a oração “a” seria a mais “correta” Provavelmente, tal resultado se deve ao fato de que o termo “aguardente” seja menos comum.

Tabela 3 – Resultados para *cachaça*

Cachaça	Totalmente de acordo	De acordo	Mais ou menos de acordo	Mais ou menos contrário	Contrário	Totalmente contrário
Bonita	8,33%	33,32%	8,33%	0%	24,99%	24,99%
Simples	66,64%	16,66%	0%	8,33%	8,33%	0%
Conhecida	83,3%	16,66%	0%	8,33%	0%	0%
Importante	16,66%	0%	33,32%	8,33%	24,99%	16,66%
Comum	41,65%	41,65%	16,66%	0%	0%	0%
Formal	8,33%	0%	24,99%	0%	8,33%	58,31%

Fonte: Elaboração própria.

Esse resultado demonstra que a rotinização dos itens lexicais pode contribuir para sua aceitação e para a possibilidade de serem avaliados de forma menos preconceituosa. Por outro lado, é possível que, mesmo com o uso cotidiano, um termo possa ser alvo de avaliação pejorativa, já que alguns de seus contextos de uso podem estar associados a experiências culturais estigmatizadas. Nesse sentido, é importante pôr em relevo os resultados obtidos para *moleque*:

Quadro 4 – Resultados para *moleque*

Moleque	Totalmente de acordo	De acordo	Mais ou menos de acordo	Mais ou menos contrário	Contrário	Está totalmente contrário
Bonita	0%	8,33%	33,32%	0%	0%	58,31%
Simples	49,98%	24,99%	16,66%	8,33%	0%	0%
Conhecida	66,64%	24,99%	8,33%	0%	0%	0%
Importante	8,33%	0%	41,65%	8,33%	8,33%	33,32%
Comum	74,97%	16,66%	0%	8,33%	0%	0%
Formal	24,99%	0%	8,33%	16,66%	8,33%	41,65%

Fonte: Elaboração própria.

Petter (2008) afirma que, no Português Brasileiro, *moleque* era designado especialmente para “jovem negro, doméstico” (PETTER, 2008, p.70). Na atualidade, resgata-se uma carga semântica depreciativa, denotando alguém que “não presta”, que

rouba, trai, etc. O segundo questionário, elaborado para averiguar crenças e atitudes acerca de tal palavra, contou com o seguinte par de estímulos: “a) O moleque dormiu cedo” e “b) O menino dormiu cedo”, para o qual 100% dos juízes caracterizaram a frase “b” a mais “correta”.

Para os últimos três itens lexicais analisados, *quitanda*, *quitute* e *xingar*, foi possível obter os mesmos dados relatados nos anteriormente. Quanto a *quitanda*, no primeiro questionário, 50% afirmaram conhecê-la e, quando avaliaram o par “a) A compra foi feita em uma quitanda” e “b) A compra foi feita em uma venda”, 75,01% disseram que compactuavam com a ideia de que a sentença “b” era a correta. Sobre *quitute*, tem-se que apenas 16,66% afirmam conhecê-lo, caracterizaram-no como informal. No segundo questionário, formulado com o par “a) Você possui quitutes para vender?” e “b) Você possui petiscos para vender?”, 100% dos pesquisados escolheram o estímulo “b” como mais correto, reiterando a avaliação negativa acerca do item lexical de origem africana.

Para *xingar*, 41,65% afirmaram serem contrários à ideia de que a palavra seja bonita e 100% declararam que ela é conhecida. Ao analisar o segundo questionário, que dispunha do par “a) Ele foi xingado pelo seu vizinho” e “b) Ele foi insultado pelo seu vizinho”, 100% afirmaram que o correto seria utilizar o vocábulo “insultar”. Logo, tais resultados corroboram as conclusões expressas a seguir.

Considerações finais

Este artigo dedicou-se a investigar as crenças e atitudes (CARDOSO, 2014; FERNÁNDEZ, 1998; LIMA; LUCENA, 2013; OUSHIRO, 2019) de falantes do português brasileiro a respeito de 9 itens lexicais de origem africana, comumente utilizados no Brasil. Demonstrou-se que, até o presente momento, ainda existem preconceitos acerca da herança africana, afinal, apenas uma palavra não foi alvo de julgamento pejorativo, como demonstram os resultados obtidos para *cachaça*.

O arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística possibilita compreender que o racismo está além da discriminação da cor de pele, é estrutural e, conseqüentemente, linguístico. Tal problematização se faz importante para que professores e pesquisadores promovam metodologias de trabalho e de (des)construção do senso crítico dos estudantes, problematizando com mais vigor as relações culturais engendradas na sociedade brasileira de hoje, haja vista que esse racismo inconsciente foi introduzido na cultura nacional, levando à sua naturalização. Como foi apresentado nos dados coletados, as pessoas discriminam não somente a pele preta/negra, mas todo o arcabouço cultural relacionado a ela.

Os resultados obtidos permitem identificar que a indexicalidade dos itens de origem africana no Português Brasileiro expressa, quase categoricamente, uma realidade pejorativa ou inferior, assim como costuma acontecer com os demais aspectos dessa cultura

De forma inconsciente, os falantes de língua Portuguesa Brasileira propiciam para a manutenção do racismo, por isso é de extrema importância trabalhos que visam pensar de forma crítica a não neutralidade da língua, o qual foi o foco principal desta pesquisa.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. Os tabus linguísticos e a abordagem da diversidade cultural no ensino da língua portuguesa. *Estudos Linguísticos*, v.36, n.02, p.139-145, mai./ago. 2007.
- ALMEIDA, S. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- BAGNO, Marcos. O impacto das línguas bantas na formação do português brasileiro. *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 16, 2016, p. 19-31.
- BLOMMAERT, J. *A sociolinguistics of globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BONVINI, E. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. Org. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008. p.15-62.
- CARDOSO, D. P. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiro*. Rio de Janeiro: Edgard Blücher, 2014.
- ECKERT, P. *Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation*. *Annual Review of Anthropology*, vol. 41, p. 87–100, jan./jun., 2012.
- FERNÁNDEZ, F. M. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Esitorial Ariel, 1998. p.179-193.
- FIORIN, J. L.; PETTER, M. Org. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.
- LEITE, S. *Padre Pedro Dias, autor da Arte da Língua de Angola, apóstolo dos negros no Brasil*. *Portugal em África* n. 4, v. 2, 1947. p.9-11.
- LIMA, I. S.; LUCENA, R. M. Influência de variáveis não linguísticas no processo de acomodação dialetal do /s/ em coda silábica por paraibanos em Recife. *Letrônica*, Porto Alegre, v.06, n.01, p. 161-178, mar./jun., 2013.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MENDONÇA, R. *A influência africana no Português do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2012.
- MILROY, L. *Language and social networks*. 2. ed. Oxford: Blackweel, 1987 [1980].
- MOURA, C. *História do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1992.
- NASCIMENTO, G. *Racismo linguístico: Os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- ORSI, V. Tabu e Preconceito Linguístico. *ReVEL*, v.09, n.17, p.334-348, jun./ago. 2011.
- OUSHIRO, L. Conceitos de identidade e métodos para seu estudo na sociolingüística. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n.63, p.304-325, jul./dez. 2019.

PETTER, M. O léxico compartilhado pelo português angolano, brasileiro e moçambicano. *VEREDAS*: Associação Internacional de Lusitanistas, Porto Alegre, n.09, p.61-81, abr./mai. 2008.

ROKEACH, M. Naturaleza de las actitudes. *Enciclopedia internacional de las ciencias sociales*, Madrid: Aguilar, 1974. p. 14-21.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. *Dicionário de Conceitos Históricos*. Contexto, São Paulo, ed. 2, 2009.

Recebido em: dezembro de 2020.

Aprovado em: fevereiro de 2021.

Como citar este trabalho:

NASCIMENTO, P. C.; VIEIRA, M. S. Um estudo de percepção acerca do léxico de línguas africanas no português brasileiro. **Traços de Linguagem**. v. 4, n. 2, p. 91-101, 2020.
